

**Nós Vamos Invadir Sua Praia: o papel dos usuários na
sucessão das praias urbanas em Salvador (BA)**

**We Are Going to Invade Your Beach: the role of the
users in the succession of urban beaches of Salvador
(BA)**

Daniel J. Mellado Paz

Resumo

A procura pelo litoral e a sua eleição como *locus* do bem-estar, da apreciação paisagística aos esportes náuticos, é fenômeno planetário, com repercussões importantes na conformação das cidades, na sua *litoralização*. Nesta, a vilegiatura marítima e a frequência às praias para os hábitos balneares se relacionam, embora distintos. Nas grandes cidades litorâneas houve uma espécie de desenvolvimento centrífugo, saindo das enseadas e estuários e se alastrando pelo litoral rumo a mar aberto. E, *pari passu* com sua urbanização, as jornadas para banho de mar. No caso de Salvador (BA), na direção nordeste, chamada de Litoral Norte. Concomitante com a migração de usuários - de diferentes procedências, perfis e estrato econômico -, há uma transmutação dos papéis destas praias. De sua descoberta e incorporação ao espaço urbano, e até o abandono, retornando para um uso vegetativo de vizinhança, ou mesmo transformando-se em vazios, sem usuários. Na breve história da praia soteropolitana, algumas de grande êxito em décadas passadas hoje são terra arrasada. O artigo investiga o papel dos usuários nessa sucessão de praias na medida em que fazem parte indissociável do ambiente praiano, tomando como área de análise as praias do litoral atlântico, a partir da barra da Baía de Todos os Santos, faixa onde se deu a sucessão de que falamos. Para tanto, considerando a relação da frequência às praias com o transporte e os meios de estadia, se estabelece um elenco de tipos de praias e a conversão de uma modalidade a outra. Ao invés de assumir a simples rejeição das classes altas à invasão pelas classes mais baixas, verificamos as nuances desse direito ao desagrado, como o apinhamento, as atividades conflitivas, o senso de territorialidade e a aparição do estranho. E que, ademais da rejeição, a atração é também aspecto essencial dos efeitos dos usuários como parte do ambiente, responsáveis pela aceleração da fuga, da jornada pelo litoral mais rústico e sua urbanização.

Palavras-chave: litoral. praia. praia urbana. usuários

Abstract

The demand for the coast and its election as a locus of *well-being*, from landscape delight to nautical sports, is a global phenomenon, with important repercussions on the conformation of cities, in their *littoralization*. In this, the summer resorts and the frequency to the beaches for the bathing habits are related, although dissimilar. In the great coastal cities there was a kind of centrifugal development, spreading along the coast, out of the coves and estuaries, towards the open sea, and together with its urbanization, the journey for sea bathing. In the case of Salvador (BA), in the northeast direction, called the North Coast. Concurrent with the migration of users - from different social backgrounds, profiles and economic strata - there is a transmutation of the roles of these beaches. From its discovery and incorporation into urban space, and to dereliction, returning to a vegetative use of neighborhood, or even turning into empty beaches, without users. In the brief history of the soteropolitan beach, some of the great successes of past decades today are scorched earth. The paper investigates the role of users in this succession of beaches insofar as they are inseparable from the beach environment, taking as a study area the beaches of the Atlantic coast, from the bar of the Bay of All Saints, where the phenomenon happens. Therefore, considering the relation of the frequency to the beaches with the transportation and the means of stay, a list of types of beaches is established as the conversion from one kind to another. Instead of accept the simple rejection of the upper classes to the invasion by the lower classes, we verified the nuances of this right to displeasure, such as crowding, conflicting activities, the sense of territoriality and the appearance of the stranger, are verified. Besides the rejection, attraction is also an essential side of the users' effects as part of the environment, responsible for the acceleration of escape, of the journey through the wild coast and its urbanization.

Keywords: coast. beach. urban beach. users

Nós Vamos Invadir sua Praia: o papel dos usuários na sucessão das praias urbanas em Salvador (BA)

1. Introdução

Durante o século XX, e em especial no seu último quarto, o litoral brasileiro se viu intensamente ocupado. Ao longo dos 7 mil quilômetros de extensão da costa brasileira hoje vivem 40 milhões de habitantes¹. Costa esta que vai sendo urdida por uma ocupação singular, “uma *via beira-mar nacional*, que em futuro não tão remoto fará uma ligação quase contínua entre os diversos núcleos urbanos costeiros” (MACEDO & PELLEGRINO, 1996, p.158). Na escala territorial, nacional mesmo, o Brasil repete o que ocorre em outras nações no Ocidente. Na escala urbana, ocorre o que Eustógio Dantas chama de *litoralização*,

conseqüência da transformação do movimento de valorização do litoral em verdadeiro fenômeno de sociedade, ligado a uma urbanização significativa dos espaços litorâneos e traduzido na inserção gradual das zonas de praia à lógica derivada de uma sociedade de lazer e turística. (DANTAS, 2002, p.6).

A ocupação litorânea pode constituir um vetor de expansão da cidade, no seu sentido longitudinal. Invariavelmente, porém, será um atrator, uma linha de força transversal à costa, uma margem à qual parte do desenvolvimento urbano se debruça. Isto para demonstrar a relevância do estudo dos vários processos distintos que se entrelaçam na atual procura pelo litoral, dentro de um marco global. A aparição de um uso distinto daquele da defesa e produção (como portos, pesca, mesmo mineração), em torno do lazer e de um modo mais amplo no *prazer* (como um lugar aprazível, um *pleasant place*), se deu no Ocidente em uma polifonia bastante intrincada², valorizando perfis físicos bastante diferentes, das escarpas românticas escocesas no *Grand Tour* às praias arenosas de Scheveningen, na Holanda. Se tomarmos apenas o banho de mar, são claves distintas a da balneoterapia oceânica nas águas frias de Brighton, em busca do choque das ondas e de temperatura, daquela nas águas cálidas e transparentes da Itália. A busca do contato com o “salso elemento”, com o mar, é um dos componentes da importância atual dada ao litoral. Contudo esse anseio não deve ser entendido como algo estável em termos das praias que serão valorizadas, dos elementos empregados, do conjunto de práticas envolvidas naquele contato. As implicações se farão mais claras adiante.

A incorporação da moda banhar não se deu no Brasil, e na Bahia, sem as suas diferenças. Ao contrário da Europa, no Brasil não se firmaram as estâncias balneárias, com seus ritos altamente codificados e suas práticas mundanas, como as congêneres de águas termais e alpinas³. As primeiras praias foram usadas como local de veraneio, e depois ocupadas pela própria cidade em sua expansão⁴. Muitas cidades foram balneários de si mesmas, e o uso e ocupação da praia e da orla se verão mesclados com os processos urbanos próprios das

¹ BECKER, 1996, p.186.

² CORBIN, 1989.

³ Como Cambuquira, Caxambu, Lambari, Poços de Caldas, para as primeiras, e Friburgo, Itatiaia e Petrópolis, para as segundas (AZEVEDO, 1988).

⁴ Talvez com a notável exceção de Santos, cujas praias serviam aos santistas e aos banhistas abastados do planalto.

grandes cidades. Tampouco quanto ao banho de sol – na Europa, profundamente atrelado à helioterapia e ao banho de ar, e outras formas de contato pleno com o ar e a luz, e mesmo o naturismo⁵. As cidades participaram, cada qual à sua maneira, dos hábitos e costumes vigentes na cultura ocidental: a climatoterapia jogou um papel importante no loteamento que deu origem a Copacabana, no Rio de Janeiro⁶, enquanto parece ter sido completamente ausente no caso de Salvador. Com laivos absolutamente locais, como as serenatas nas dunas à luz da lua em Fortaleza⁷, ou o papel das hierofanias aquáticas, em Salvador⁸. Essa procura se traduz tanto na *vilegiatura marítima*, a construção de residências secundárias no litoral e posterior ocupação residencial do mesmo, como na freqüência às praias⁹. Ambos não convergem necessariamente: a ida a praias distantes pode preceder a ocupação residencial, e as residências, erguidas em praias não freqüentadas. Relacionam-se, mas possuem características diferentes, até pela extrema volatilidade das jornadas à praia, e a inércia inevitável das construções. Na Salvador das últimas décadas, em suas *praias urbanas*, já incorporadas ao tecido urbano e sua dinâmica de transporte interno, sequer há uma correspondência direta entre as práticas balneares, e mesmo da freqüência à praia, com o uso do solo adjacente, exceto quando densamente habitado¹⁰. A meta aqui é investigar as jornadas às praias.

Nas grandes cidades litorâneas houve uma espécie de desenvolvimento centrífugo, se alastrando pelo litoral, rumo à conformação daquela “via beira-mar nacional” mencionada. Um dos fatores foi a mudança do desejo, das águas resguardadas para aquelas de mar aberto¹¹, ou ao menos o acréscimo destas. Em Salvador houve, ademais, a migração dos usuários das praias ao longo da borda oceânica, seguindo em direção nordeste (conhecida como Litoral Norte). Concomitante com a migração de usuários - de diferentes procedências, perfis e estratos sociais -, há uma transmutação dos papéis destas praias de mar aberto. De sua descoberta e incorporação ao espaço urbano, e até o abandono, retornando para um uso vegetativo de vizinhança, ou mesmo transformando-se em vazios, sem usuários. Na breve história da praia soteropolitana, algumas de grande êxito de décadas passadas hoje são terra arrasada. Como isto se deu? Como ocorreu essa sucessão, e quais os fatores que a impulsionaram? Destes, escolhemos um que consideramos relevante, embora não exclusivo: os usuários. Isto é, seu papel nessa sucessão de praias na medida em que fazem parte indissociável do ambiente praiano.

Vamos abordar aqui as praias do litoral atlântico, a partir da barra da Baía de Todos os Santos, faixa onde se deu a sucessão de que falamos. E sem explorar até as últimas conseqüências, em um espraiamento que hoje em dia se faz por dezenas de quilômetros. Deixamos de lado as praias interiores, da Baía de Todos os Santos. Embora parte indispensável da dinâmica total da cidade, não passaram por essa voracidade, com um uso mais local de uma população que se adensou, em Itapagipe e no chamado Subúrbio Ferroviário, ao longo do séc. XX.

⁵ ANDRIEU, 2008.

⁶ ABREU, 1987.

⁷ DANTAS, 2011.

⁸ Pesquisa realizada, a ser publicada em breve.

⁹ Alexandre Queiroz Pereira (2014) realiza um excelente trabalho estudando a vilegiatura marítima em algumas das grandes capitais nordestinas. A parte sobre Salvador, apoiando-se em trabalhos que não são propriamente sobre o assunto, se ressentem da falta, ainda, de uma historiografia mais acurada e detalhada.

¹⁰ PAZ, 2008.

¹¹ Em Recife (PE), a mudança foi das margens do Capibaribe, e os banhos de rio da elite, para o litoral sul, de mar aberto, no começo do séc. XX, na Boa Viagem e Brás de Pina (PEREIRA, 2014). Esse papel do banho de rio é, por sua vez, uma singularidade pernambucana na história da vilegiatura e das práticas balneares.

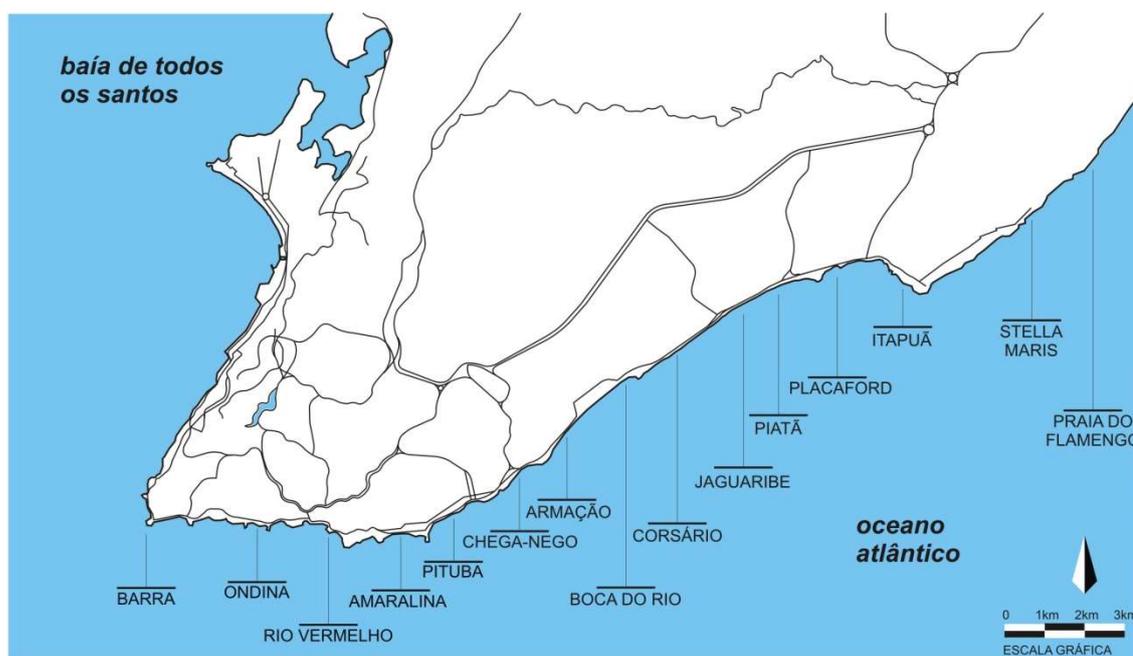


FIGURA 1 – Praias de Salvador (BA) mencionadas no texto, com ênfase naquelas do litoral oceânico.

Fonte: Autor.

2. Um Ensaio de Modelo

Na visitação à praia relacionam-se de modo imbricado as vias de acesso, os meios de transporte, as condições de permanência no local, a duração da estadia, e o poder aquisitivo dos visitantes, na situação mais elementar de poder custear a jornada e permanência.

Na aurora do transporte coletivo das cidades litorâneas aparece já essa tensão da ocupação das praias. No Rio de Janeiro, essa história passa pela linha e pela abertura dos túneis que franqueariam acesso às praias, como o Túnel de Copacabana (1892) e o do Leme (1906)¹². Em Salvador, a jornada para o Rio Vermelho levou à disputa explícita por esse público por duas empresas de bondes de tração animal, a *Trilhos Centrais* e a *Transportes Urbanos* nos anos 1870¹³, cada uma com itinerário próprio, por vale e cumeada de colinas, até esse longínquo arrabalde. As linhas de bonde se instalaram rumo ao Rio Vermelho e à Barra (companhia Transportes Urbanos, na mesma época) para atender ao público – não só à demanda numérica, mas ao seu poder aquisitivo – e, subseqüentemente, reforçaram sua ocupação.

Embora sem dados mais precisos à mão, não está muito distante da realidade a ilação de que à valorização do litoral, construção de vias de acesso e crescimento demográfico metropolitano, somou-se também a ascensão do automóvel familiar, nos anos 1970 e acirrado nos anos 1980, como veremos. Ocorrendo em vários lugares do Brasil, como Ceará¹⁴, Pernambuco¹⁵, Santa Catarina¹⁶ e Paraná¹⁷, com resultados similares em linhas gerais: a incorporação imobiliária em

¹² GOMES, 2002.

¹³ SAMPAIO, 2005

¹⁴ LIMA, 2006.

¹⁵ ARAÚJO *et al*, 2007.

¹⁶ KLEIN *et al*, 2002.

¹⁷ BESSA JR., 2004.

distantes vilarejos e a adição de praias próximas à metrópole, como a Praia do Futuro em Fortaleza (CE) e Boa Viagem em Recife (PE). E o transporte coletivo automotivo, ônibus, ganhando fluidez: de esporádicas excursões, a linhas de baixa frequência, até chegar a linhas urbanas comuns e constantes.

E as condições de permanência? Casas alugadas, segundas residências, pousadas, hotéis¹⁸. Nos primórdios, quase sempre há uma vila preexistente à fúria balnear. Invariavelmente, de pescadores. Não se trata da coincidência ambiental de interesses entre a pesca e o banho, mas algo profundamente relacionado com os fatos práticos do conhecimento de algo novo. É preciso que o precursor do turista se hospede em um lugar humanizado – que haja gente, leitões, alimentação. Por isso a vila serve de primeiro suporte às atividades turísticas. No séc. XIX, os primórdios do banho, e mesmo da vilegiatura, da segunda residência, se ancora em unidades produtivas, em roças e chácaras, chamadas pelos viajantes de *casas de campo*, embora não necessariamente se enquadrem nisso¹⁹. Em um segundo momento são insuficientes, e virão outros serviços e atividades. Nesse meio-tempo, quem está lá se presta aos turistas – ou executando aquilo que sempre faz, em outra escala, ou suportando novas ações²⁰. O fenômeno subsequente é o êxodo dos moradores originais²¹. No caso de vilas de pescadores, o motivo é claro. As vilas são economias de subsistência, caracterizadas pela precariedade geral da comunidade. O fluxo turístico implica em valorização do solo, e na compra dos terrenos, dos próprios moradores originais ou daqueles de quem arrendavam, classicamente pelos veranistas; atualmente por grandes empreendimentos²².

As comunidades de pescadores existentes, anteriores a essa urbanização, têm no mar e na praia seu lugar de trabalho, e não de lazer, ainda mais nos moldes do banho de mar e de sol. Para a praia ser de uso local não se necessita somente de moradores próximos, mas de moradores que vejam a mesma como local de lazer. A praia “selvagem” raramente é inteiramente selvagem: rústica, possui a infra-estrutura elementar de uma vila de pescadores, como ocorreu com Rio Vermelho e Itapuã e, no Baixo Sul, com Morro de São Paulo, Garapuá e Boipeba.

A duração da estadia decresce com a facilidade de acesso: o verão, o final de semana, um dia inteiro, um turno. E novas praias, mais distantes, se tornam a preferência para temporadas maiores. O veraneio tradicional é uma temporada de mais de um mês fora de casa, durante o verão. A segunda residência, nos feriados e finais de semana prolongados, e mesmo no final de semana. Isso perde importância quando a praia se torna algo próximo, seja pela melhoria do transporte, seja pela maior proximidade da residência (lugar de origem do movimento) com a

¹⁸ O viajante holandês Quirijn Maurits Rudolph Ver Huell (2009) descrevia, na primeira década do séc. XIX, na região do Bonfim, para o período das festas campestres em torno da Devoção do Nosso Senhor do Bonfim, a *roça* de um amigo, um professor de Retórica de nome Ferreira. O embrião da vilegiatura em Salvador são pequenas unidades rurais.

¹⁹ Quem problematiza essa diferença entre as sedes de fazenda e roças, e as casas de campo européias, é Haroldo Leitão Camargo (2007).

²⁰ Uma descrição dessa situação em praias lusitanas aparece em Ortigão (1943), Nunes (2003) e Jerónimo (2003). No Rio Vermelho, os pescadores se prestavam a sucedâneos dos curistas, levando os enfermos, no colo ou em cadeiras de braços, para a água (RIO VERMELHO..., 1988).

²¹ A incorporação de novo modo de vida se produz com a transformação de antigos pescadores em empreendedores ligados, direta ou indiretamente, às atividades de lazer e de turismo.

Entretanto, independentemente de ser movimento de resistência ou de incorporação, após a chegada do veraneio, assiste-se à consolidação de tendência de expulsão dos pescadores das zonas de praia, e à sua inserção na sociedade de consumo, seja como subempregados, seja como pequenos comerciantes absorvendo mão-de-obra familiar. (DANTAS, 2011, p. 74).

²² Ramalho Ortigão (1943) menciona o processo em praias como Póvoa de Varzim. No Rio Vermelho, os pescadores se deslocaram para terra adentro (RIO VERMELHO..., 1988). Na Praia do Forte, a mecânica se repetiu, até por cadeias hoteleiras (GRANDO, 2006).

expansão da urbe. Assim, as jornadas diárias são o comum das praias urbanas. Então, o fenômeno das longas jornadas perde sentido para as praias urbanas de Salvador a partir da segunda metade do séc. XX. A trama social estabelecida no veraneio é um suporte para o tempo ocioso de gente que permanece fora de seu cotidiano habitual. Quando a praia não requer mais esse dispêndio de tempo, o lazer pode se incorporar ao seu cotidiano. E quando a praia está em seu cotidiano, desaparece a necessidade da estrutura contígua de apoio. Torna-se um apoio ao lazer praiano imediato, e não mais um sustentáculo para dias ociosos.

Uma hipótese interessante complementa a acessibilidade física com a psicológica. Nos anos 1980, entraram em cena adolescentes suburbanos nas praias da Zona Sul carioca. Ao contrário dos pais acanhados, se recusaram a permanecer no subúrbio, e buscaram às praias os mesmos hábitos dos jovens de classes mais ricas²³. É hipótese que fica em aberto aqui²⁴. O inegável é que todas as camadas da sociedade desejavam seu lugar ao sol²⁵.

O histórico exposto trata de vincular o desenvolvimento local da predileção global pelo litoral e suas transformações: dos aspectos do meio relevados, da indumentária e demais apetrechos empregados, dos horários, dos gestos. Avançaremos aqui uma série de *tipos de praia*, definidos pelo seu uso e papel no quadro geral da cidade, do lazer praiano, e que requer um quadro de estabilidade nas práticas, ou ao menos de relativa convergência de interesses. Daí que se aplique melhor ao século XX, em especial à sua segunda metade. Os tipos são intentos de interpretar a realidade dinâmica do fenômeno, e conjecturar ciclos recorrentes de transformações.

A primeira é a *praia deserta*. Deserta de banhistas, ou de pessoas visitando-a para fins de lazer: socialmente não é um vazio. Aquele mesmo Tollenare banhava-se perto da “fonte d’água doce que abastece o arrabalde da Vitória”, onde as mulheres iam pegar a água e perto de onde elas se entretinham com seus amantes. E volta e meia baleias eram levadas ali para serem destrinchadas, deixando as ossadas entre as pedras, como na Barra, onde por tempos houve um Contrato – estabelecimento dedicado ao beneficiamento das baleias caçadas. As praias calhavam de serem enormes abatedouros. Ou a paisagem rústica, pitoresca, dos coqueirais e pescadores fazendo a pesca de arrasto, o *arrastão*, em especial do xaréu, que por décadas foi um atrativo para a contemplação.

Dentro de uma prática consolidada de lazer, temos a *praia local*, demandada por número modesto de pessoas. Serve como uma espécie de lazer vegetativo para forasteiros e, principalmente, moradores próximos. Atualmente é o que acontece com Amaralina.

Caso distinto é o da *praia de moda*. Nela existe a fulguração de uma certa elite cultural da cidade, e é entendida como lugar sofisticado, introduzindo comportamentos que servirão de inspiração e referência, especialmente na maneira como reinventa o uso do corpo e o contato com o meio, confrontando moral e bons costumes, sempre por gente sancionada para isso – tema a que voltaremos.

Por último, a *praia de massa* ou *popular*. O que lhe caracteriza, em princípio, é o apinhamento das águas e areias. Nela, rompe-se a total familiaridade dos presentes, e surge o problema,

²³ SANSONE & NOBRE *apud* HUGUENIN, 2007.

²⁴ Hipótese que nos inclinamos a aceitar, por relacionar-se com nossa vivência da cidade. A praia de Ondina era de classe média aos finais de semana até meados dos anos 1980. Hoje é nitidamente popular. Seus usuários, moradores da vizinhança, do São Lázaro e Calabar, já estavam ali duas décadas atrás.

²⁵ De todas as formas, não é um tópico fácil de ser averiguado. Paulo César da Costa Gomes (2002) tenta, em texto chamado *Rio-Paris-Rio: Ida e Volta com Escalas*, justamente entender esse enigma, por que a juventude pobre desceu os morros rumo às praias.

clássico na Sociologia, do *estranho*, assim como o das crianças perdidas, conflitos entre usuários, a necessidade de uma coleta de lixo mais intensa.

Estes perfis não são estáticos. É usual alternarem: que uma praia de uso local durante a semana seja de procura intensa aos finais de semana, transtornando sua dinâmica anterior²⁶. E, principalmente, podem se suceder, já que no mecanismo de inovação e popularização de um sítio reside parte do caráter cambiante do seu perfil de uso. Um movimento comum é a transformação de uma praia inicialmente de muito prestígio em destino de massa. Assim como o uso local e restrito pode ser o final de um ciclo de uso popular. Lembrando que não podemos esgotar a possibilidade da migração do público ser resultado do deslocamento de sua moradia independente do lazer litorâneo, mudando assim as condições da jornada.

O que subjaz nessa alternância de perfis da praia são as práticas sociais que nela acontecem. Vale-nos a concepção da *invenção do inútil*²⁷, com a difusão destes hábitos em uma sociedade de massas. Nele, alguém marginal na alta sociedade identifica uma nova prática ou local, adotado em seguida por um grupo de celebridades - a família real nos séculos XVIII e XIX, *movie stars* no séc. XX - para em seguida popularizar-se. Cria-se uma distinção social, que é difundida e, uma vez popularizada, dá lugar a uma nova distinção. Por isso citamos Coco Chanel e o bronzamento - não por ser assunto de revistas, mas por estar na raiz das transformações de hábitos. Daí o papel de Sarah Bernhardt ao escandalizar o Rio de Janeiro com o banho de mar quando de sua visita à cidade²⁸, ou de Brigitte Bardot na valorização de Armação dos Búzios. Figuras constantes nos relatos históricos mais superficiais de praias conhecidas, em tons apologéticos de guias turísticas, devem ser interpretadas à luz desse conceito sociológico. Podem até escandalizar os costumes vigentes, mas têm autoridade para criar precedentes. Distantes (como fora Arembépe) ou urbanas (Ipanema, Copacabana), o que importa é ser um lugar onde "as coisas acontecem", movido por gente de fora ou das redondezas. É usual que a novidade de ontem da praia de moda se torne o hábito de hoje das demais. Embora seja um risco assinalar essa dinâmica para todas as preferências em uma sociedade²⁹, para entender as praias, ainda mais na profundidade histórica, é modelo válido. O mecanismo da invenção do inútil, assim, se espacializa, e se torna neste caso a descoberta e "invenção" das praias, plasmado nas jornadas e na vilegiatura marítima. Causando o paradoxo da valorização e degradação de áreas rústicas e naturais, ambientes majoritariamente desejados³⁰.

No entanto, essa mudança dos perfis das praias não se dá apenas no aumento numérico; pode haver uma substituição do contingente que vai. E, ainda mais importante, não é um aumento indefinido, até chegar a algum tipo de saturação e estabilidade. Em algum momento, decai seu número de frequentadores, podendo mesmo tornar-se um ermo, uma espécie de ruína urbana. Essa é uma das singularidades dignas de atenção: a fuga, o apogeu, e o abandono das praias. E, dentro dessa variação, mais sutil e difícil de perceber, a mudança dos públicos e atitudes.

²⁶ Há uma tentação em dizer dinâmica habitual ou natural, o que seria inverdade. Os intervalos laborais - finais de semana, feriados e férias - não são anômalos, mas parte do ciclo de uso de um dado espaço, já que previsíveis e extremamente periódicos. O uso cotidiano é tão natural, ou artificial, quanto o uso periódico porém distribuído no calendário. Apenas o uso excepcional, inesperado e único, poderia ser enquadrado como algo anômalo.

²⁷ BOYER, 2003.

²⁸ GOMES, 2002.

²⁹ Lipovetsky (1989), no tocante à moda, mostra que a partir da segunda metade do séc. XX isso já não corresponde mais aos fatos. Norbert Elias (1994), para um processo mais vasto, não atribui a transferências entre camadas, mas à manifestação distribuída de uma mudança subjacente. Em todos os casos, o modelo supracitado não perde a validade para nossa análise.

³⁰ POLETTE *apud* SOFFIATI, 2003.

Em algo estes tipos se parecem com aqueles que Jean Didier Urbain (1996) estabeleceu para o veraneio: de refúgio, de coabitação e popular. O veranista de refúgio quer isolamento, de uma certa maneira análogo ao usuário da praia deserta. O veranista de coabitação quer interagir com a população autóctone, temperado com as benesses da urbanização, não tão distante à praia de uso local e aquela de moda. O veraneio popular é massificado, e tem como característica destruir as modalidades anteriores. São coincidentes no espírito, não no objeto: porque se trata, para Urbain, do destino do solo urbano: loteamentos, vias, edificações, infraestrutura e serviços. Em nosso caso, da faixa de areia.

4. A Sucessão das Praias

O que propeliu a expansão litorânea da cidade foi a execução, custosa, da via beira-mar em Salvador, gradativamente acrescida e alargada. Assim pensada desde seu início:

E de vulto maior, talvez, pela renovação que trazem a esta cidade, associadas às da Intendencia, solidaria commigo no vasto plano dos melhoramentos da Capital do Estado, devo vos relembrar, ainda, as obras de construção da Avenida de S. Bento à Barra, extendidas até ao Rio Vermelho e prolongadas d'ahi entre povoações que serão, futuros arrabaldes nossos, por uma estrada de rodagem, até as praias de Itapoan, na extensão total de cerca de 24 kilometros. (MENSAGEM..., 1913, p. 17).

Sua primeira etapa se deu em 1922, com o prefeito J. J. Seabra e a Av. Barra/ Rio Vermelho, atual Oceânica, unindo os dois pontos de veraneio atlântico³¹, por meio de cortes e aterros dos costões rochosos.



FIGURA 2 – Abertura da atual Av. Oceânica. Imediações de Ondina. Sem data.

Fonte: Instituto Feminino da Bahia.

O prefeito ainda planejou uma via do Rio Vermelho a Itapuã, ambição detida pela suspensão do crédito internacional na Primeira Guerra Mundial³². Somente em 1949 essa visão se realizou, com a inauguração da Estrada Amaralina – Santo Amaro de Ipitanga, atual Av. Otávio

³¹ Iniciativa também correlata a outras no país, com observa Pereira (2014).

³² ALMEIDA, 1997.

Mangabeira. Esta se assentou facilmente sobre o cordão litorâneo pós-praia que, por sua vez, seccionava a continuidade da areia, atravessando plantações de coqueiro, que passaram a ser parte da paisagem praiana. Igualmente importante é o gradativo processo de transpôr, por pontes cada vez maiores e mais sólidas, os vaus dos rios: primeiro o Rio Vermelho, depois o atual Camurugipe, o Jaguaribe, e assim sucessivamente.



FIGURA 3 – Estrada Amaralina/ Santo Amaro de Ipitanga, atual Av. Otávio Mangabeira, ponte sobre o Rio Jaguaribe (chamada também de Terceira Ponte).

Fonte: Centro de Estudos da Arquitetura na Bahia – CEAB/ FAUFBA.

A partir daí surgiu um braço da cidade que se alastrou pelo litoral. Porém não sem grande ímpeto. Em Ondina se ensaiara uma vilegiatura marítima, antes mesmo da abertura dessa via – a *Cidade Balneária de Ondina*, origem da toponímia, antes inexistente. O empreendimento não vingou³³. O loteamento que deu origem à forma atual do bairro da Pituba, o *Cidade Luz*, partindo do litoral para o interior, tardou a vender seus lotes e, sobretudo, a ter casas construídas. Planejado em 1919 por Theodoro Sampaio, aprovado em 1932, apenas em meados de 1970 teria 70% dos lotes ocupados³⁴. Itapuã abriga também casas de praia, porém a vilegiatura será descontínua e errática em sua implantação. Mas não o uso das praias.

³³ ALMEIDA, 1997. A proposta da Cidade Balneária vinha com a idéia de uma linha férrea própria, a *Companhia Ferro-Carril Ondina*, pelo dono das terras e empreendedor, Bibiano Ferreira Campos. As plantas de tal linha férrea foram aprovadas em 1895 (RELATÓRIO..., 1896, p. 83).

³⁴ ANDRADE, 2005.



FIGURA 4 – Loteamento Cidade Luz (Pituba) em 1977. Atrás, o bosque que fazia parte, desde 1973, do Parque Joventino Silva, mais conhecido como Parque da Cidade.

Fonte: Acervo do Prof. Ary Penna Costa.

Salvador viu a transformação mais veloz do perfil de suas praias e de seu entorno no último quarto do século XX. Sua população, relativamente estacionária entre 1900 e 1940 (de 205.813 a 290.443 hab.), começou uma escalada nas décadas seguintes: 417.235 em 1950, 655.735 em 1960, com seus maiores saltos qualitativos em 1970 (1.007.195 hab.) e 1980 (1.506.860 hab.)³⁵. É deste contexto o seguinte depoimento:

(...) porque vê ali centenas de pessoas tomando banho de mar, outros deitados na areia quente, gente de toda cor, todas as idades e todos os tamanhos, todas as profissões, todas as posições sociais, em uma misturada, em uma alegria contagiante. Ele contempla com certo orgulho o que é o nosso Brasil, a nossa Bahia, é um verdadeiro centro de democracia. Não há preconceito nem racismo, todos têm o mesmo direito de trabalhar, viver, se divertir como queira; assim tenha tempo e possa, não há proibição. Ele também vai se meter naquele meio, não para tomar banho, mas para se misturar e tomar parte naquela alegria contagiante. (...) Quando ele já está bastante descansado e desabafado, olha então pela janela em direção ao clube Português; fica meio abobalhado como quem acorda de um sono profundo, passa a mão nos olhos, fica meio confuso ao ver tanta claridade, tanta beleza e alegria: uma paisagem sem igual, coqueirais sem fim, um mar que não pode haver mais belo no mundo, velas de todos os tipos, os jagandeiros voltando de sua luta, ondas de espumas alvas que chegam a doer nas vistas, começam muito altas e vão rolando e reduzindo-se e terminam espreguiçando-se na areia. Ele vê centenas de pontos ao longo se movendo, de todas as cores, em uma confusão que ele não pode distinguir. Vai apurando a vista, olhando mais perto distingue que é gente, pessoas, banhistas em grande quantidade. Mulheres lindas! Olha para dentro do bar e vê que está

³⁵ GORDILHO-SOUZA, 2000, p.124.

cheio delas. Se ele já é velho se lembra da sua mocidade, cinqüenta anos atrás. Quantos sacrifícios, quantas piegas se fazia pra se ver um pedacinho de perna, ali os biquinis são os mais reduzidos possíveis, parece que ele está no paraíso, com a diferença que ali tem muitas Evas e muitos Adãos, todos usando a folha de parreira. Ele se lembra da frase do poeta: 'O olhar não sonha, vê'. Mulheres linhas com as roupas mais reduzidas possíveis; ele não olha com devassidão ou imoralidade, que os devassos e os imorais não sabem avaliar o que é belo e artístico. Ele olha como um artista que contempla a obra de outro artista imortal. Mulheres belas, corpos bem feitos, traços e curvas que só um artista divino sabe fazer, aquelas covinhas nas cadeiras, aquela pele morena que ainda que não seja de nascença o sol da Bahia dá, aquele colorido que causa inveja. (LOPES, 1984, p. 103)³⁶.

Aqui já estava consolidado um tipo de comportamento à praia.

Nos anos 1970, as praias da Barra, Ondina e Rio Vermelho, herdeiras da ocupação de veraneio, eram "grãs-finas" ao longo da semana³⁷; no Porto da Barra uma vanguarda tinha lugar, com trajes de banho arrojados e encontro vespertino e noturno nos estabelecimentos recreativo-turísticos da vizinhança³⁸, dinâmica repetida em escala menor na praia do Farol da Barra. No entanto, aos finais de semana todas eram praias populares, como também afluíam banhistas de várias partes da cidade a Amaralina³⁹, então final de linha do bonde. Nesse mesmo período, eram nos dias de pico mais de 2.500 banhistas no Porto da Barra (cerca de 1 pessoa por metro quadrado), mais 2.000 banhistas em Ondina e 4.000 na Pituba⁴⁰. A invasão massiva urbana estava obviamente vinculada ao recesso laboral do final de semana.

Freqüentavam-se, em sucessão crescente de distância, por público mais seletivo, Jardim de Allah, Chega-Nego, Armação, Piatã, Placaford e Itapuã⁴¹, todas ancoradas no transporte automotivo. Reportagem de 1969 falava que a praia do Corsário se vira "transformada recentemente em reduto das garôtas que possuem ou têm facilidade de automóvel"⁴², e aqui vamos ao observado sobre o papel do automóvel. O poeta Vinicius de Moraes deu projeção internacional à praia da Rua K, em Itapuã – sintomático que tenha intercedido junto à Prefeitura para a pavimentação de sua rua. A celebridade não somente é promotora indireta da procura da praia como pode ser promotora direta de sua urbanização.

³⁶ A Amaralina, ponto de observação de Licídio Lopes, era a parada final de linha de bonde, confirmando a relação do *point* com os meios de transporte.

³⁷ NOSSAS PRAIAS PARA AS 'ALTEROSAS'. A Tarde, 12 dez 1969, Cad. 1.

³⁸ BAHIA, 1973.

³⁹ BAHIA, 1973.

⁴⁰ BAHIA, 1973.

⁴¹ EXAMES REVELAM UMA ALTA CONTAMINAÇÃO NAS PRAIAS, A Tarde, 17 jan 1970, Cad.1, p.2.

⁴² NOSSAS PRAIAS PARA AS ALTEROSAS, A Tarde, 12 jun. 1969.



FIGURA 5 – Praia de Piatã. Notar a relação direta, física, entre os veículos e os banhistas. Provavelmente anos 1970. Esta praia se tornou popular nas últimas décadas, e assim é até os dias de hoje, com afluxos massivos por meio de ônibus aos finais de semana.

Fonte: Fundação Gregório de Mattos, Fundo Renato Berbert de Castro.

A vanguarda das práticas sociais, com a introdução de novos hábitos em sintonia com o que se considerava moderno feito no exterior, sofre uma cisão com a contracultura – que não invalida nosso modelo, no entanto. Encontramos um regime “alternativo” para práticas inovadoras à beira-mar, também difundida pelas celebridades correspondentes. Arembepe, visitada pelos *hippies* no auge de seu movimento, abrigara Janis Joplin e Mick Jagger na década de 1960⁴³. Nos anos 1970 a praia de Aratubaia (ao lado do Corsário, praticamente confundindo-se) ganhara destaque como reduto do mesmo movimento, daí a mudança de nome para Praia dos Artistas, onde persistiu durante muito tempo na Bahia a moda do *topless*⁴⁴. Até o final dos anos 1980 ainda mantinha sua aura; um freqüentador revelava ao jornal que a gostava “do ti-ti e do astral das pessoas que encontro”⁴⁵.

Nos anos 1980, entretanto, a situação havia se modificado substancialmente. Praias bastante populares, como Rio Vermelho, Amaralina e Pituba, se esvaziaram. A Av. Otávio Mangabeira, que de Amaralina conduzia a Itapuã, congestionava e tornara-se problema⁴⁶, sendo duplicada repetidas vezes, como em 1976⁴⁷ e 1984⁴⁸, sem dar conta da demanda de final de semana. O público claramente se deslocava no sentido nordeste.

⁴³ AREMBEPE AINDA MANTÉM VIVO O SONHO DOS ANOS 70, A Tarde, 3 fev. 1985, Cad. Turismo, p.3.

⁴⁴ A BOCA DO RIO NÃO TEM MAIS OS ENCANTOS DA DÉCADA DE 70. A Tribuna da Bahia, 10 jan. 1987, Cad. 1, p.47.

⁴⁵ A IRREVERENTE PRAIA DOS ARTISTAS. A Tribuna da Bahia, 10 jan. 1987. Cad.1.

⁴⁶ A ORLA MUDA PARA MELHOR, A Tarde, 4 dez. 1984, Cad.2, p.1.

⁴⁷ SAI ESTE ANO DUPLICAÇÃO DA AV. OTÁVIO MANGABEIRA;. A Tarde, 16 jul. 1976, p.6.

⁴⁸ DUPLICAÇÃO DA ORLA MARÍTIMA É ACELERADA. Correio da Bahia, 21 mai. 1984, p.6.

A juventude rica, que auspiciara praias em sucessão – Pituba, Boca do Rio e Corsário na década de 1970, Placaford e Itapuã (principalmente praias das ruas K, J e L) na década de 1980⁴⁹ – agora ultrapassava Itapuã rumo a outras como Stella Maris, Praia do Flamengo e Aleluia. Ali, matéria jornalística de 2005 falava no “trecho conhecido como *praia dos homens em pé*, onde os surfistas ficam de olho, azarando as patricinhas que se exibem ao sol; elas, por sua vez, estão de olho nos surfistas malhados da praia”⁵⁰. A partir de Itapuã não há mais via beira-mar costeando e o acesso por transporte público é até hoje difícil. Esse desenho viário, sem transporte e parques públicos litorâneos, tem seu efeito na forma urbana, com a costa pontilhada por residências de veraneio⁵¹, ocupações mais rarefeitas à medida em que avança, ocupando praias como Ipitanga, Buraquinho, Abranges, Arembepe, Guarajuba, Itacimirim, Praia do Forte, Imbassai e a atual Costa do Sauípe.



FIGURA 6 – Praia do Farol da Barra em 1971.

Fonte: Fundação Gregório de Mattos.

A função da praia deserta ainda se manteve em praias pequenas, de difícil acesso ou diminuta faixa de areia, como nas imediações do hoje demolido Clube Espanhol⁵².

⁴⁹ ROTEIRO DE SOL PELAS PRAIAS DA BAHIA, A Tarde, 8 jan 1984, Cad. Turismo, p.3.

⁵⁰ POINT DO SURFE É O CANTO PREFERIDO DE PEIXE, Correio da Bahia, 13 abr 2005, Cad. Viajar, p.5.

⁵¹ A ocupação litorânea depende mais dos acessos perpendiculares a partir da estrada paralela ao sentido da costa - a BA-099, inicialmente a Estrada Salvador-Itacimirim ou Estrada do Coco, e depois prolongada, chamada de Linha Verde - do que do espraiamento linear anterior.

⁵² CANTO DE MAR RESERVADO PARA POUCOS, A Tarde, 21 dez 2003, p.3.

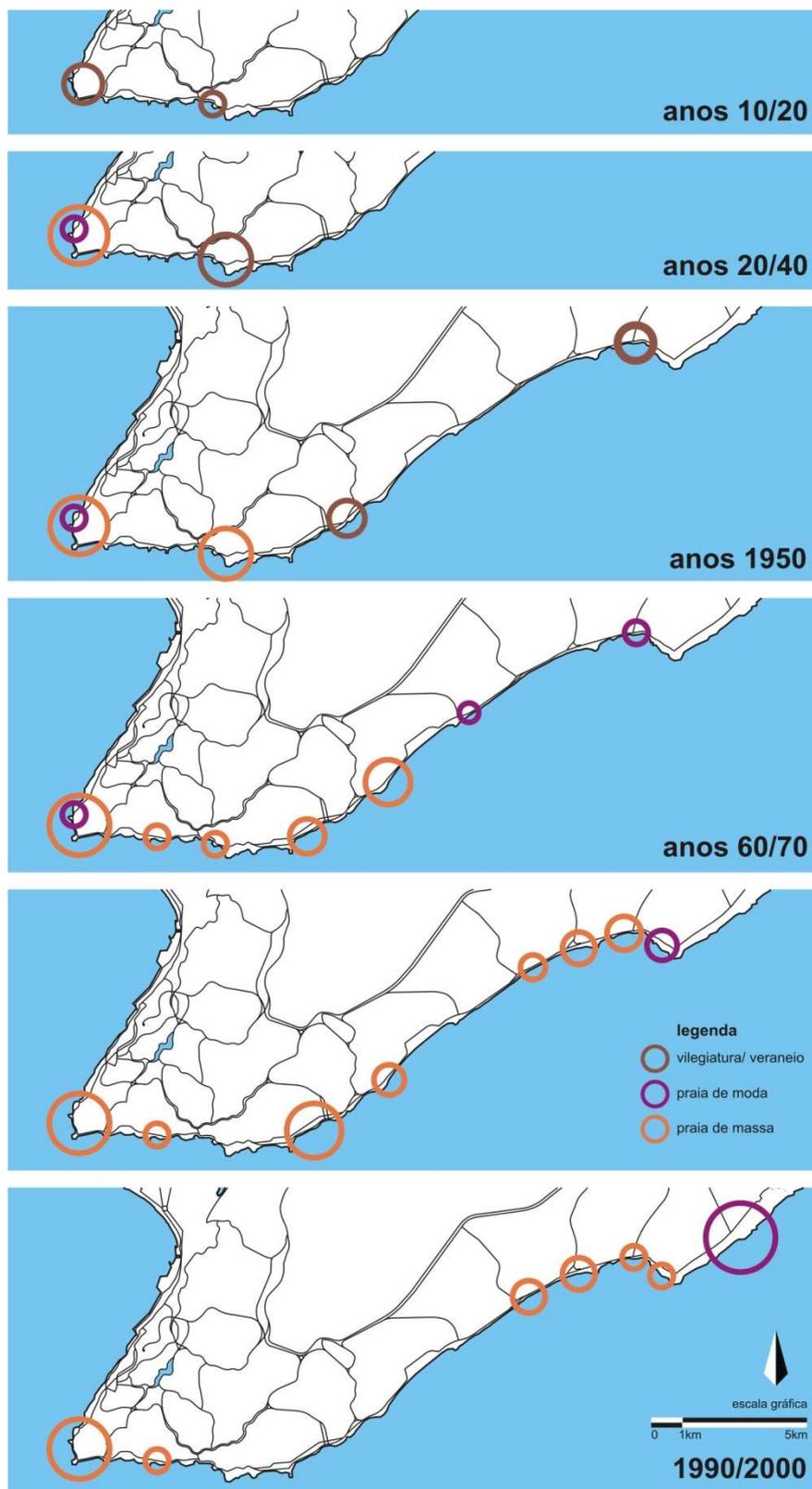


FIGURA 7 – Mapas comparando a sucessão das praias, em linhas gerais. As praias de uso local e os ermos visitados por poucos não foram elencadas. Em contraponto, foi posto o veraneio, incluindo nele a vilegiatura marítima.

Fonte: Autor.

Eustógio Dantas, descrevendo, em outra escala, a procura pelo litoral em Fortaleza (CE), dá sua explicação para o movimento:

Os amantes de praia, não satisfeitos com o estado das zonas de praia fortalezense – *poluídas ou ocupadas por atores indesejáveis* [grifo nosso] -, podem, após a chegada do carro, utilizar as vias de circulação para se deslocar aas praias distantes de Fortaleza. (DANTAS, 2011, p. 70).

A deterioração ambiental, em seus vários significados e *loci*, é um dos fatores responsáveis por esse processo. Aqui vamos explorar o outro fator aventado: a indesejabilidade dos atores. E se ele é pertinente nos moldes em que é habitualmente tratado.

Eustógio Dantas explica por um ganho de mobilidade – novas vias, e linhas de transporte coletivo – o movimento centrífugo em Fortaleza. O automóvel permite que as classes altas cheguem a Iracema, Meireles e Praia do Futuro, sucessivamente, enquanto as linhas de ônibus, nos anos 1980, permitem que os mais pobres se dirijam “dos quarteirões populares para passear a tomar banhos de sol, na famosa avenida Beira-Mar. A cada dez minutos, o ônibus Grande Circular transporta milhares de usuários” (DANTAS, 2011, p.60). E se as classes altas se deslocaram para mais longe, para a Praia do Futuro, a “construção das avenidas Santos Dumont e Zezé Diogo gera novos fluxos: a) os não desejados pela elite. O paraíso foi descoberto pelos usuários de ônibus, provocando fuga dos primeiros para outras praias” (DANTAS, 2011, p.63). A ironia é que se a vilegiatura espantou os moradores primitivos das localidades litorâneas⁵³, a plena integração à malha, e dinâmica, urbana trouxe contingentes ainda maiores para estes lugares.

No processo soteropolitano de sucessão, não apenas os papéis se modificaram, mas houve a “invasão” das praias de moda por multidões, descrita de tal maneira.

A praia de Santana era muito freqüentada pela elite do bairro, somente deixando após a construção da Avenida Cardeal da Silva, que passou a ser a principal via de chegada, aos sábados, domingos e feriados, de verdadeiras legiões de farofeiros, desembarcados dos ônibus que os traziam da Federação e adjacências. Nesta época houve também a invasão dos moradores da Vasco da Gama, principalmente do populoso trecho conhecido como Vila América. Como conseqüência natural dessa avalanche de intrusos, considerados indesejáveis, pois provinham das camadas sociais mais baixas e que tomavam a praia de assalto, houve o afastamento dos freqüentadores tradicionais, ou seja, das pessoas que residiam no Rio Vermelho, as quais passaram a procurar e freqüentar outras praias, cujo ambiente fosse ainda selecionado, existente lá pelas bandas da Pituba, Piatã e Itapuã. (PORTO FILHO, s/d, p.82).

A hipótese do historiador vincula a invasão ao sistema de transporte coletivo, sem o qual não poderiam aceder aos locais. No Rio Vermelho, a fluidez no transporte que possibilitou o veraneio e a formação do bairro também foi um dos responsáveis pela sua transformação⁵⁴. O seguinte depoimento denuncia essa mudança, com as tintas do sentimento do território profanado.

(...) o fenômeno acontece no Brasil com os pretos, os pobres, os moradores de favelas e invasões da proximidade de determinadas praias e com os *farofeiros*, os banhistas que chegam em grupos, quase sempre de ônibus, levando farnéis ou merendas – supostamente com bastante farinha de mandioca – com que poluem os trechos ocupados e incomodam os freqüentadores com seus estilos de brincadeiras. (AZEVEDO, 1988, p.29).

⁵³ Retirando mesmo o seu protagonismo das atividades festivas e religiosas, como acusou Licídio Lopes (1984) para o caso do Rio Vermelho.

⁵⁴ No entanto, os bairros citados ficam realmente próximos do Rio Vermelho; não necessitariam de ônibus para chegar ali.

O sentimento de desprezo pelos invasores, que poluem e incomodam os freqüentadores (originais, já que os novos não têm essa prerrogativa), é indicativo. A crítica vai também aos seus hábitos, pelos quais se distinguem, ganham nome (farofeiros) e supostamente são malquistos, visto sujarem a areia⁵⁵.

A explicação apresentada para Fortaleza, ao relacionar a descoberta e descarte das praias com o aumento da mobilidade urbana (incremento das linhas de ônibus e da frota de automóveis da classe média) com subsequente estratificação espacial dos usuários, tem como premissa a intolerância das classes ricas à presença dos mais pobres, razão da fuga constante para distâncias maiores do centro da cidade, a exemplo da Praia do Futuro⁵⁶. Que a popularização do automóvel inicia o movimento centrífugo, podemos ter por certo. Sobre as causas, devemos ver com mais cuidado.

O que levantamos é a responsabilidade que tem os outros na escolha individual de seu espaço de lazer. Se a tolerância implica no direito ao outro de existir, é irreduzível o *direito ao desagrado* – isto é, de desagradar-se com algo (como contraparte de toda predileção) e de escolher o ambiente em função do que lhe interessa e, sobretudo, de evitar aquilo que lhe incomoda. Isso apenas não pode infringir a liberdade elementar de ir e vir, em iniciativas criminosas de moradores locais ou no caso aberrante dos próprios governantes barrarem visitantes mais pobres, como em Praia Grande (SP)⁵⁷.

5. O Papel dos Usuários e o Direito ao Desagrado

Sequer aqui estamos lidando com algo novo. Que essa espécie de “repulsão” ao contato propale as classes mais altas para cada vez mais distantes, é algo tido por certo. Apenas não é uma exclusividade, e apresenta, imbricados, aspectos distintos, ou que pode ser vista sob diferentes ângulos.

Em primeiro lugar, de certa maneira nos conceitos dos tipos já está embutida uma relação comportamental entre os usuários. O apelo da praia deserta se daria àquele tipo de banhista que De Ruyk⁵⁸ chama de *individualistas*, que procuram o contato com a natureza, com tranqüilidade e um mínimo de artificialidade. Em contraposição aos *agregacionistas*, que procuram a experiência social, com abundância de atividades. Ambos lidam com algo crucial, embora apontem valores opostos: a presença humana. E a passagem de um tipo a outro em muito se relaciona com esse quadro de usuários.

A praia deserta é a mais frágil no que diz respeito às pessoas, já que se supõe que não estejam ali para o devido apreço do lugar. Basta que apareçam mais pessoas para compartilhar a praia, que esta perde sua sedução única, o ambiente de sossego almejado pelos individualistas.

Já em uma praia local, o número limitado de usuários facilita que a reincidência dos banhistas construa um conhecimento íntimo do lugar e de seus freqüentadores, em um quadro de relações sociais, principalmente se persistem fora da praia. Isso vale para moradores, veranistas e mesmo banhistas de final de semana: não é a distância o fator fundamental, mas

⁵⁵ Não se pode negar esse risco, no entanto. Não porque sejam pobres, mas porque é próprio da atividade alimentar, própria ou oferecida por algum comerciante. Araújo & Costa (2003), analisando a Baía de Tamandaré, em Pernambuco, fazem levantamento consistente dos excursionistas, seus hábitos, e dos resíduos que deixam. Por outro lado, cabe assinalar que em outros países, como nos Estados Unidos, a ida à praia é concebida à maneira de um piquenique em um parque; não há desprestígio em levar o lanche familiar. Ou seja, trata-se de um preconceito também ditado por hábitos e valores locais.

⁵⁶ SILVA *et al*, 2005.

⁵⁷ GHIRALDELLI, 2001.

⁵⁸ DE RUYK *apud* SILVA *et al*, 2006.

a frequência à praia. Se a ida reveste-se da familiaridade dos conhecidos, outros banhistas e aqueles que permanecem tempo mais longo – a sua *população de praia*, composta por comerciantes, pescadores, salva-vidas, entre outros⁵⁹ – um transtorno no quadro de pessoas é uma mudança significativa na qualidade ambiental da praia. O visitante ocasional será um intruso, tanto mais diferente for dos que compartilham aquele espaço. Ele perturba somente com sua presença um quadro estabelecido⁶⁰.

A praia de moda invariavelmente é o apanágio de um tipo de gente “interessante” para se estar junto: seja gente “bonita”, seja gente “descolada” (isto é, em sintonia e criadora de novos hábitos). E igualmente sensível a quem não pertence a este grupo. Retornaremos a este ponto adiante.

O caso mais freqüente e impactante se dá com a massificação das praias, com o afluxo de grande número de banhistas. Não necessariamente dos estratos mais pobres da sociedade, como se verá.

Analisemos, por ora, a “repulsão” causada pela afluência de usuários. Tomemos a situação mais elementar na massificação do uso da praia. Um conceito que nos valerá para compreender a praia sob os padrões ambientais é o *crowding*⁶¹: o desconforto causado pela diminuição do espaço pessoal e dificuldade em circulação pelo número de pessoas presente. O espaço pessoal é a dimensão mais íntima da relação das pessoas com o ambiente da praia.

Não se limita a uma relação de indivíduos por área, pois é uma percepção do espaço e não o espaço físico em si: Tuan⁶² chama a sensação de ter espaço de *espaciosidade*, e a sensação de densidade humana de *apinhamento*. Os limites do conforto e tolerância ao apinhamento variam com os indivíduos e, em escalas maiores, com os grupos sociais em questão e cada região e país⁶³. Essa constituição do espaço individual se dá pelos receptores sensoriais, com ênfases culturais distintas⁶⁴, com papel determinante para o som e o contato. Como a abordagem corpo a corpo de outros sujeitos à areia - vendedores, pedintes, encontrões de banhistas -, a invasão do som (burburinho, som mecânico, etc.) é parte dessa mesma sensação. Dentro desse marco podemos entender quando Azevedo (1988) aponta como algumas das regras mínimas na praia dentro da cultura brasileira, no momento da escrita do seu estudo, o “não perturbar os circunstantes com ruído excessivo, vindo de rádios, instrumentos musicais, fala, gritos”. Diferentes padrões espaciais, e do que se entende como espaço pessoal, levarão a esse confronto. Em uma praia de massa, fatalmente o grau de densidade viola os limites de conforto de um maior número de pessoas. Daí ser fenômeno mais ostensivo. A massificação das praias intensifica a invasão do espaço do banhista com o domínio na paisagem, a ocupação indiscriminada da areia e das águas limitando a livre circulação individual e mesmo usufruto, o ruído excessivo e assédio dos vendedores.

E se as atividades realizadas forem, elas mesmas, díspares e igualmente invadirem o espaço pessoal, e mesmo colocarem em risco sua integridade? A intrusão do espaço pessoal se agrava

⁵⁹ PAZ, 2008.

⁶⁰ Jerónimo (2003) narra esse sentimento em Ericeira, Portugal, onde os veranistas tradicionais (alguns até de segunda geração) se distanciavam dos turistas sem passado que visitavam o local.

⁶¹ SANTOYO VELASCO & ANGUERA ARCILAGA, 1992.

⁶² TUAN, 1983.

⁶³ De Ruyk (1997 *apud* SILVA *et al*, 2006) estabelece como intervalo de conforto entre 6,3 e 25m² por pessoa para os usuários das praias da África do Sul. Já Da Silva (2002a *apud* SILVA *et al*, 2006) considerou a variação encontrada em Portugal de 13,5 a 111,7m² por pessoa como intolerável/ desconfortável. Evidentemente, se relaciona com a expectativa do usuário: um passageiro de ônibus tolera o apinhamento como ônus da locomoção, enquanto na praia lhe resulta inaceitável.

⁶⁴ HALL, 2005.

com as práticas esportivas, em constante expansão, como o frescobol⁶⁵, o vôlei e a onipresente “pelada”, ciosas de espaço e com risco aos passantes. Donde se vê que tal violação do espaço não é atributo indissociável da renda, geralmente associado à pobreza. Se em 1978, já se anotava no Porto da Barra o comportamento exibicionista dos donos de lanchas⁶⁶, em anos mais recentes *jet-ski* e quadriciclos dirigidos por jovens e adultos provocam acidentes na areia e no mar. Nem estão os jogadores de frescobol ou vôlei, atividades conflituosas, dentre os mais pobres. Ou seja, *conflitos de uso* são inevitáveis com o adensamento, em especial com o futebol, que demanda bastante espaço, na cancha e entorno. Seguindo de tentativas de regulamentar o uso pelo Poder Público, e acordos de convivência, alguns já tradicionais, entre os usuários.

De maneira mais abrangente, temos o sentimento de *território*, que é ultrajado por novas levadas, independente de serem estas massivas ou levarem ao apinhamento. Mesmo quando o usuário não é morador das redondezas: a visita continuada dos banhistas pode levar a um comportamento territorial em relação aos demais visitantes. Também este fenômeno está implícito nos tipos de praia aqui estabelecidos, uma vez que, por exemplo, a praia local inevitavelmente conduzirá a esse sentimento territorial. A sensação de invasão sequer se orienta aos de estrato de renda menor. O mesmo Thales de Azevedo esclarece:

Isolam-se igualmente [aos farofeiros] os banhistas procedentes de regiões diferentes, os turistas de toda procedência, estranhos aos locais, principalmente os estrangeiros. Algumas dessas praias vêm a ser dominadas por esses invasores (vejam-se os casos de Porto Seguro na Bahia, de Camboriú em Santa Catarina, e muito mais). (AZEVEDO, 1988, p.29).

A invasão dos mais pobres, processo recorrente nacionalmente, é a face mais visível do desagravo de certos usuários, pela ostensiva diferença numérica de banhistas e da diferença do poder de escolha do destino praiano, dada a mobilidade que cada estrato possui. Os mais pobres são a maioria e afluem em grandes quantidades, limitados apenas pelo transporte urbano disponível. Vencem pelo número. Vindo em quantidade, implicam em um público, além de diferente, quase sempre massivo, com as conseqüências que vimos para o apinhamento. Corresponderão aos casos mais numerosos e visíveis, mas não os únicos. A invasão é possibilidade franqueada a quem pode custear o transporte ao local do desejo. Em balneários turísticos, no entanto, o mesmo fenômeno acontece em outro patamar de renda – ainda podemos falar de turistas de classe econômica dominando as areias, mas não necessariamente pobres, como em Benidorm, na Espanha⁶⁷.

E, em um grau ainda mais amplo: a *paisagem humana* se modifica. Estão estranhos, com hábitos desagradáveis. O falecido jornalista José Augusto Berbert de Castro lamenta as mudanças da popularização da praia:

Ali não ficam banhistas, mas bebedores de cerveja, de batidas, de comedores de caranguejos e o ambiente se torna insuportável para os que vão fazer uso da praia para o que deveria ser sua finalidade: tomar banho de mar e ficar ao sol. (BERBERT DE CASTRO, 1982).

⁶⁵ VELHOS PROBLEMAS NA PRAIA, A Tribuna da Bahia, 18 out. 2004, pag.12. ESPORTES NA PRAIA PERTURBAM BARRAQUEIROS E BANHISTAS, Correio da Bahia, 14 nov. 2005, pag.3. MAPA DOS PROBLEMAS, A Tarde, 22 out. 2006, p.6.

⁶⁶ PESQUISAS ESCONDEM ALTO ÍNDICE DE POLUIÇÃO, A Tarde. 03 fev. 1973. Cad. 2.

⁶⁷ MVRDV, 2000.

Isso fora prenunciado, embora com uma valoração oposta, no depoimento de Licídio Lopes. Berbert de Castro prossegue:

As residências que ficavam em frente ao mar transformaram-se em bares de terceira categoria e ponto de reunião de marginais, maconheiros, ‘gays’, hippies, etc. Isso se vê no Porto da Barra, Farol, Rio Vermelho, Amaralina e, principalmente, na Pituba, até o Clube Português. Quase não há mais nenhuma residência naquele trecho da Avenida Otávio Mangabeira. As famílias foram sendo expulsas pela vizinhança incômoda e mudaram-se. (BERBERT DE CASTRO, 1982).

A principal transmutação da praia soteropolitana dos anos 1980 estava anunciada: o consumo de alimentos e bebidas na areia da praia. Para quem viveu e idealizou a praia da classe média, da pacata freqüência das famílias e do círculo de amigos, o novo ambiente é um incômodo. Agora há gente demais, novos serviços e suas vicissitudes, e novas práticas (como os esportes), em conflito explícito com os banhistas.

Mas o desagrado é mais generoso em seus alvos. A contracultura não optava por ir a praias de alta sociedade, ainda quando oriunda do mesmo estrato de renda. O estigma de uma classe alta frívola existe (na figura do “mauricinho” e da “patricinha”) embora por uma questão óbvia seja menos impactante do que o estigma das praias de multidões. E quando “invadida”, igualmente se desfazia e reconstituía em outro lugar. O ambiente contracultural é frágil. Seu número de participantes é sempre pequeno, e é profundamente dependente dos artistas, em torno do qual gravitam (as Dunas da Gal, em Ipanema, ou a Praia dos Artistas, em Salvador, denotam isso), emprestando o seu prestígio⁶⁸. Seu próprio êxito o faz colapsar.

E, retomando conceitos já apresentados, os “individualistas” à praia evadirão independente do estrato social a ocupar a praia e torná-la de perfil “agregacionista”, por exemplo. Eles são intolerantes a pessoas de um modo geral, por definição. Seu limite de *crowding*, portanto, é baixo, bastando um certo número para conturbar-lhe o ambiente.

Aqui, um parêntese importante. Na avaliação desse fenômeno, além da tácita superioridade moral do pesquisador, muitas vezes partem-se de conceitos cunhados a partir de uma projeção ideal, e não do reconhecimento da realidade. A idéia de uma *demofobia* crônica, sub-reptícia, ignora os limites culturais e sociais ao apinhamento (quantidade em sua relação com o espaço) e a outros perfis, comportamentos, etc. (alguns invasivos). Atração e repulsão, como consenso e dissenso, são duas faces indissociáveis. O pressuposto é que não haja em momento nenhum essa repulsão: que o apinhamento se dê indefinidamente, que não haja reconhecimento de pares, que não haja senso de território, etc. Muito do debate no Brasil sobre o espaço público se pauta sobre esse ideal quase cartunesco; comparado com esse ideal irrealizável, todo espaço público concreto aparece bastante pálido.

Dentro daquela paisagem incluem-se toda a gama de presentes que estão ali de maneira subsidiária: salva-vidas, vendedores ambulantes, esmoleres. Além dos problemas decorrentes do apinhamento e dos estranhos: o furto e sua ameaça, com a preocupação dos pertences, a vigilância das crianças, etc.

“A farra incomoda bastante porque não ficamos tranquilos com nossos filhos *numa praia tão cheia de gente desconhecida* (grifo nosso). Tem domingos que mais parece festa de

⁶⁸ Em um trabalho excelente sobre Ipanema, Fernanda Huguenin (2011), entre outras coisas, mostra depoimentos que dão pela a invasão dos “pseudo-hippies” em “falanges” e dos turistas, assediando os artistas, o fim de um *point* da contracultura, o Pier de Ipanema; do “excesso de contingente” em outro *point*, o Sol Ipanema, para onde iam “os melhores corpos e cérebros de Ipanema”; e a massificação do Posto 9.

largo e como há pessoas que se excedem na bebida é comum ter algumas brigas” - afirmou Josefa Orge. (SAUDADES..., 1987)⁶⁹.

O que para uns será uma comodidade, para outros será assédio, como no caso dos ambulantes. E mesmo veremos uma relação dinâmica, como havia nas barracas de praia, ao definirem um perfil de clientes, atrelados a serviços como o som mecânico e sua seleção musical. Clientes que são, também eles, parte da paisagem humana e aspecto relevante na ida e distribuição dos presentes.

Os indivíduos presentes à praia tanto são razão da “repulsão”, como de “atração”, aspecto este geralmente subestimado. A constituição da praia de moda, por exemplo, se dá em torno do reforço mútuo dos presentes, do “ver e ser visto”, tal como naquela “praia dos homens em pé”. A ascensão de um lugar de moda atrairá, velozmente, aqueles que querem compartilhar da presença com dadas pessoas (inclusive celebridades). Licídio Lopes se mostrava embevecido pelas “mulheres lindas” que via na praia. A montagem, nessa exploração de áreas pioneiras pouco urbanizadas, da trama de serviços públicos e privados, mesmo os ilegais (como a venda de narcóticos), será igualmente fator essencial.

Interessante é que, em Salvador, a dinâmica do “ver e ser visto”, como uma espécie de franja pioneira, ocorre somente na parte mais distante do seu litoral atlântico, além do Farol de Itapuã, e nas praias dos municípios vizinhos⁷⁰.

6. Conclusão

O que torna o fenômeno particularmente complexo é que nela convergem transmutações de diversas ordens. Do perfil dos usuários: quem vai à praia, o que faz nela. Da fisicidade da praia, propriamente dita: com construções públicas e privadas, permanentes ou temporárias, com ou sem vegetação, e mesmo de sua fisiografia. Modifica-se seu substrato arenoso, a qualidade das águas, com saídas pluviais ou cloacais, a contaminação da areia. Mudança do entorno da praia, ocupado ou não, com seus acessos, equipamentos, serviços. Do papel social da praia e suas representações: a imagem que se tem dela, a pregnância na sociedade, as atividades que se instalam nela, os fatores ambientais desejados – se o sol, se o ar puro, a paisagem oceânica, os coqueirais, a agitação mundana. Ademais, a progressão de situações ao longo das praias: as mudanças singulares e irreversíveis das representações do litoral, em algo sincronizado com uma percepção global do mesmo; a retirada de um dado perfil de usuários rumo a praias mais distantes; o litoral que se urbaniza progressivamente, e com seus efeitos, tais como acesso fácil, contaminação e saneamento, erosão e sedimentação.

A melhor compreensão de um destes processos apenas, como que sob um microscópio para detectar as nuances, em hipótese alguma deve ser compreendida como uma ênfase nas causas ou importância. E mesmo o aqui exposto se fez por indícios remotos, sem a possibilidade de um escrutínio fino, detectando aspectos mais imponderáveis, porém igualmente importantes, nos grupos humanos à praia.

O abandono das praias aparenta ser resultado da deterioração do meio (areias e águas)⁷¹, com uma diferença sutil entre as classes: as classes altas são sensíveis às informações públicas da

⁶⁹ SAUDADES DAS PRAIAS SEM POLUIÇÃO, A Tribuna da Bahia, 30 jul 1987. A entrevista se refere a uma praia que está fora de nossa área de estudo – a do Bogari – que costumava freqüentar antes de sua popularização. Suas palavras, porém, ilustram à perfeição o que estamos descrevendo.

⁷⁰ PAZ, 2008.

⁷¹ PAZ, 2011.

contaminação, e as baixas, aos sinais mais ostensivos somente. Daí que as praias abandonadas, antes demandadas, se dão em bairros de classe média; aquelas com bairros populares próximas serão ou praias de massa ou, pelo menos, praias locais⁷². A influência do entorno, e outros elementos, explicarão porque esse arranjo não é linear⁷³.

O papel do usuários como parte do ambiente praiano (e, mais, dos demais indivíduos presentes, como o comércio, serviços, e demais) é responsável pela contraparte desse abandono, que é a aceleração da fuga, da jornada pelo litoral menos urbanizado. Na descoberta de um novo local, na sua atração de contingentes, na popularização, êxodo dos pioneiros e repetição do processo. Em um singular processo em que a fuga da cidade em busca de encantos rústicos serve como ponta de lança da urbanização, crescentemente litorânea.

Referências

- ABREU, Maurício de. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO/ Zahar, 1987.
- ALMEIDA, Maria do Carmo Baltar Esnaty. **A Vitória na Renascença Bahiana – a ocupação do distrito e sua arquitetura na Primeira República (1890-1930)**. Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura da UFBA, Salvador, 1997.
- ANDRADE, Adriano Bittencourt. **O Espaço em Movimento: a dinâmica da Pituba no século XX**. Salvador: EDUFBA, 2005.
- ANDRIEU, Bernard. **Bronzage: une petite histoire du soleil et de la peau**. Paris: CNRS Éditions, 2008.
- ARAÚJO, Maria Christina B.; SOUZA, Stella T.; CHAGAS, Alessandra Carla O.; BARBOSA, Scheyla C. T.; COSTA, Monica F. Análise da Ocupação Urbana das Praias de Pernambuco. **Gestão Costeira Integrada**, ano 6, n.7, fascículo 2, 2007, Lisboa. Disponível em: <<http://www.aprh.pt>>. Acesso em: 31 dez. 2016.
- ARAÚJO, Maria Christina B. de & COSTA, Monica Ferreira da. Análise Quali-Quantitativa do Lixo Deixado na Baía de Tamandaré - PE - Brasil por Excursionistas. **Gestão Costeira Integrada**, v.3, p. 58-61, 2003. Disponível em: <<http://www.aprh.pt>>. Acesso em: 31 dez. 2016.
- AZEVEDO, Thales. **A Praia – espaço de socialidade**. Salvador: Universidade Federal da Bahia – Centro de Estudos Baianos, 1988.
- BAHIA. Secretaria da Indústria e Comércio. **Plano Diretor da Orla Marítima – Porto da Barra – Açu da Torre**. Salvador: Governo do Estado da Bahia, 1973.
- BECKER, Bertha. Políticas e Planejamento do Turismo no Brasil. In: YAZIGI E.; ALESSANDRI CARLOS, A. F.; ARIZA DA CRUZ, R. de C. (org.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- BERBERT DE CASTRO, José Augusto. A orla marítima de Salvador está degradada. **A Tarde**, Salvador, Cad.2, p.1, 24 out. 1982.
- BESSA JR., Oduvaldo. Interferência entre a Ocupação Urbana e a Dinâmica Natural no Litoral Sul do Paraná. **Análise Conjuntural**. Curitiba: IPARDES; v.25, n. 11-12, p.13-17 - dez. 2004. Disponível em: <www.ipardes.gov.br>. Acesso em: 31 dez. 2016.
- BOYER, Marc. **História do Turismo de Massa**. Bauru: EDUSC/ EDUFBA, 2003.
- CAMARGO, Haroldo Leitão. **Uma Pré-História do Turismo no Brasil: recreações aristocráticas e lazeres burgueses (1808-1850)**. São Paulo: Aleph, 2007.
- CORBIN, Alain. **O Território do Vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1989.
- DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. Construção da Imagem Turística de Fortaleza – Ceará. **Mercator**. Revista de Geografia da UFC. Ano 1, n.1, 2002, Fortaleza. Disponível em: <www.mercator.ufc.br>. Acesso em: 31 dez. 2016.

⁷² E tampouco esse abandono se dá em praias que foram populares. As classes mais altas aparentam serem mais voláteis nas suas práticas.

⁷³ Uma descrição mais fina do papel das pessoas, dos indivíduos, como fatores ambientais relevantes, é tema de pesquisa a ser publicada.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Mar à Vista: estudo da maritimidade em Fortaleza**. 2.ed. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador – uma história dos costumes** Vol.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1994.

FREITAS, Joana Gaspar de. O litoral português, percepções e transformações na época contemporânea: de espaço natural a território humanizado. **Gestão Costeira Integrada**, ano 6, n.7, fascículo 2, 2007, Lisboa. Disponível em: <<http://www.aprh.pt>>. Acesso em: 31 dez. 2016.

GHIRALDELLI, Karina Juliane. **A Praia do Excursionismo ao Turismo. Estudo de caso: Praia Grande – SP**. Americana, Novembro – 2001. Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Centro Unisal. Trabalho monográfico de conclusão de curso.

GOMES, Paulo César da Costa. **A Condição Urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2002.

GORDILHO-SOUZA, Ângela. **Limites do Habitar: segregação e exclusão na configuração urbana de Salvador e perspectivas no século XX**. 1.ed. Salvador: Edufba, 2000.

GRANDO, Raquel. O Conhecimento Etnoecológico de Pescadores da Praia do Forte, Litoral Norte – BA: um saber ameaçado. In: **Enciclopédia Biosfera**. Goiânia: Instituto Biosfera; n.2, 2006. Disponível em: <<http://www.conhecer.org.br>>. Acesso em: 31 dez. 2016.

HALL, Edward T.. **A Dimensão Oculta**. 1.ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2005.

HUGUENIN, Fernanda Pacheco da Silva. **As Praias de Ipanema: liminaridade e proximidade à beira-mar**. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – PPGAS - UnB, Brasília, 2011.

HUGUENIN, Fernanda Pacheco da Silva. O Universo Social da Praia: terapia, democracia e travestismo à beira-mar. In: **Anais do Congresso Nacional de Sociologia**, 2007. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, 29 de maio a 1 de junho de 2007, UFPE, Recife (PE).

JERÓNIMO, Rita. Banhistas e Banheiros – reconfiguração identitária na praia da Ericeira. **Etnográfica**, v. VIII, 2003, p.159-169. Lisboa: CEAS – Centro de Estudos de Antropologia Social, 2003. Disponível em: <www.ceas.iscte.pt>. Acesso em: 31 dez. 2016.

KLEIN, Antônio H. F., DIEHL, Fernando Luiz, RIBEIRO JR., Oswaldo & BENEDET FILHO, Lindino. O litoral de Santa Catarina e a ocupação desordenada de suas praias. **Gestão Costeira Integrada**, v.2, ano 1, 2002. Disponível em: <<http://www.aprh.pt/rgci/>>. Acesso em: 31 dez. 2016.

LIMA, Maria do Céu de. Pescadoras e Pescadores Artesanais do Ceará: modo de vida, confrontos e horizontes. **Mercator**. Revista de Geografia da UFC. Ano 5, n. 10, 2006. Disponível em: <www.mercator.ufc.br>. Acesso em: 31 dez 2016.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOPES, Licídio. **O Rio Vermelho e Suas Tradições. Memórias de Licídio Lopes**. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984.

MACEDO, Sílvio Soares e PELLEGRINO, Paulo Renato Mesquita. Do Éden à Cidade – transformação da paisagem litorânea brasileira. In: YAZIGI E.; ALESSANDRI CARLOS, A.F.; ARIZA DA CRUZ, R. de C. (org.). **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MENSAGEM Apresentada à Assembléa Geral Legislativa do Estado da Bahia Da Abertura da 2ª Sessão Ordinária da 12ª Legislatura pelo Dr. J. J. Seabra Governador do Estado. Bahia: Secção de Obras da “Revista do Brasil”, Rua da Alfandega, 51, 1913.

MVRDV. **Costa Ibérica: hacia la ciudad del ocio**. Barcelona: ACTAR, 2000.

NUNES, Francisco Oneto. O Trabalho Faz-se Espectáculo: a pesca, os banhos e as modalidades do olhar. **Etnográfica**, v. VII, 2003, p.171-186. Lisboa: CEAS – Centro de Estudos de Antropologia Social, 2003. Disponível em: <www.ceas.iscte.pt>. Acesso em: 31 dez. 2016.

OLIVEIRA, José Maria de. Leça da Palmeira: lazer e evolução urbana litoral entre finais do século XIX e meados do século XX. **Revista da Faculdade de Letras – Geografia**, I série, vol. XV/ XVI, Porto, 1999-2000. Disponível: <<http://ler.letras.up.pt>>. Acesso em: 31 dez 2016.

ORTIGÃO, Ramalho. **As Praias de Portugal: guia do banhista e do viajante**. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1943 [originalmente publicado em 1876].

PAZ, Daniel J. Mellado. Sucessão e Abandono nas Praias de Salvador/ BA: os efeitos da poluição urbana nas práticas balneares. In: **Anais do XIV Encontro Nacional da ANPUR**, 2011, Rio de Janeiro. XIV Encontro Nacional da ANPUR. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <<http://www.anpur.org.br>>. Acesso em: 31 dez. 2016.

PAZ, Daniel J. Mellado. **Do Jardim ao Farol: uma análise dos usos nas praias de Salvador e sua arquitetura**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura da UFBA, Salvador, abril 2008.

PEREIRA, Alexandre Queiroz. **A Urbanização Vai à Praia: vilegiatura marítima e metrópole no Nordeste do Brasil**. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

PORTO FILHO, Ubaldo Marques. **Rio Vermelho**. Salvador: s/d.

RELATÓRIO da Gestão dos Negócios Municipaes de 1º de Janeiro a 31 de Dezembro de 1895 Apresentado ao Concelho Municipal pelo Dr. J. Eduardo Freire de Carvalho Filho Intendente Interino no Município da Capital do Estado Federado da Bahia Em 7 de Janeiro de 1896. V. Oliveira & Comp. Litho-Typographia e Encadernação a Vapor n13, Praça do Commercio, n. 13, 1896.

SAMPAIO, Consuelo Novais. **50 Anos de Urbanização**. Rio de Janeiro: 2005.

SANTOYO VELASCO, Carlos & ANGUERA ARCILAGA, M. Teresa. El Hacinamiento como Contexto: estrategias metodológicas para su análisis. **Psicothema**, 1992, vol.4, n.2. Oviedo, Asturias: Facultad de Psicología de la Universidad de Oviedo/ Colegio Oficial de Psicólogos del Principado de Asturias. Disponível em: <<http://www.psicothema.com>>. Acesso em: 31 dez 2016.

SILVA, Ângela Maria Falcão da; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia; COSTA, Maria Clélia Lustosa. Banhos de Mar na Praia do Futuro (Fortaleza/ CE). In: **Anais do IX Simpósio Nacional de Geografia Urbana**, 2005, Manaus. IX Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 2005. Manaus. Manaus: AGB, 2005, v.1.

SILVA, Jacqueline S.; BARBOSA, Scheyla C. T.; LEAL, Mônica M.V; LINS, Ana R.; COSTA, Monica F. Ocupação da Praia de Boa Viagem (Recife/ PE) ao Longo de Dois Dias de Verão: um estudo preliminar. **PANAMJAS – Pan-American Journal of Aquatic Sciences**, 2006, 1 (2): 91-98. Disponível em: <www.panamjas.org>. Acesso em: 19 dez. 2008.

SOFFIATI, Arthur. Água e Turismo. **Revista Eco 21**, Ano XIII, n77, abr. 2003, Rio de Janeiro.

TUAN, Yi-Fu, **Espaço & Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Ed. DIFEL, 1983.

URBAIN, Jean-Didier. **Sur la Plage: moeurs ET coutumes balnéaires (XIXèmea-XXème siècles)**. Paris: Éditions Payot, 1996.

VER HUELL, Quirijn Maurits Rudolph. **Minha Primeira Viagem Marítima 1808-1810**. 2.ed. ampliada. Salvador: EDUFBA, 2009.